



Do ASMR aos Sons Virais: A Comoditização dos Afetos Sonoros
na Economia das Plataformas Digitais¹
From ASMR to Viral Sounds: The Commodification of Sonic
Affects in the Platform Economy

Joana Darc Dos Santos

Palavras-chave: afetos sonoros, plataformas, escuta crítica.

Este estudo examina de forma crítica a mercantilização dos afetos sonoros na economia das plataformas digitais, concentrando-se em como sons do dia a dia, como risadas, barulhos urbanos ou canções de comunidades, são capturados, descontextualizados e transformados em conteúdo viral por meio de plataformas como TikTok, Kwai e Instagram Reels. Com base em autores como Martín-Barbero (2003), Canclini (2013), Martins (2021) e Rincón (2020), analisamos as tensões entre a lógica algorítmica de extração de valor e as práticas sonoras de resistência que buscam manter a dimensão política e contextual da escuta. A pesquisa sugere uma escuta crítica como forma de resistência ao esvaziamento simbólico promovido por essas plataformas, ressaltando a importância das rádios comunitárias, da arte sonora experimental e de podcasts alternativos como alternativas à lógica do viral. Ao final, inspirados por Paulo Freire, defendemos a criação de uma pedagogia da escuta voltada para a transformação social.

¹ Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



Nas últimas décadas, as plataformas digitais transformaram profundamente não apenas a forma como ouvimos, mas também a importância que atribuímos aos sons no contexto social. Embora essas tecnologias tenham amplificado vozes anteriormente marginalizadas, elas também realizam um processo contraditório: enquanto viralizam sonoridades periféricas, acabam por descontextualizá-las, transformando-as em simples commodities algorítmicas. Este trabalho explora esse fenômeno através do conceito de "ciclo de vampirização sonora" (MARTINS, 2021), apresentando uma análise crítica sobre como plataformas como TikTok e Instagram cooptam, padronizam e descartam expressões acústicas tradicionais e periféricas, reduzindo-as a meros recursos para engajamento digital. Partimos de um paradoxo: sons que em culturas oralizadas (SODRÉ, 2002) ou contextos comunitários (CANCLINI, 2013) funcionavam como símbolos de memória e resistência, como os cantos de trabalho, os toques de tambor em rituais ou os gritos de protesto, são agora desencarnados (VARELA, 2019) e transformados em samples descartáveis. Apesar da lógica das plataformas seguir a extração de valor descrita por Srnicek (2017), nossa análise também destaca fissuras: iniciativas como Sonora (México) ou Mapa Sonoro da Favela (Brasil) reivindicam o potencial pedagógico e político do som, demonstrando que sua força transformadora permanece, desde que a integridade sensorial (MARTINS, 2021) das práticas sonoras seja preservada.

A importância crescente de plataformas digitais como TikTok, Kwai e Instagram Reels tem reformulado radicalmente nossa interação com sons e a experiência auditiva. Sons anteriormente ricos em especificidade, como risos espontâneos, choros íntimos ou ruídos urbanos localizados, são agora transformados em commodities afetivas, desterritorializadas e adaptadas à lógica do engajamento. Este estudo propõe uma análise crítica desse fenômeno de mercantilização dos afetos sonoros, com foco na experiência latino-americana e nas contradições da mediação em contextos periféricos. Partimos de um paradoxo essencial: embora os sons cotidianos nunca tenham sido tão visíveis, eles também nunca estiveram tão desprovidos de seu potencial político e disruptivo. Conforme



assinala Martín-Barbero (2003, p. 207), a mediação constitui um campo de disputas entre diversas racionalidades culturais.

Neste cenário, observamos uma tensão crescente entre duas forças principais: De um lado está a lógica das plataformas, que, segundo Srnicek (2017, p.59), transforma toda experiência humana em dado bruto, inclusive os afetos sonoros mais íntimos, para fins de extração de valor. Os vídeos de ASMR (Resposta Sensorial Autônoma Meridiana) exemplificam essa dinâmica: originalmente concebidos como práticas terapêuticas, foram convertidos em produtos padronizados, sujeitos a métricas rígidas de viralização e frequentemente à sexualização, visando maximizar cliques e tempo de visualização.

Por outro lado, há práticas de resistência que buscam preservar a densidade simbólica e a potência política da escuta. Canclini (2013 p. 112 - 145), em sua obra "A Sociedade sem Relato", destaca a importância de experiências localizadas e narrativas sonoras enraizadas. Coletivos como o "Sonora", no México, e o "Espaço Sonoro", no Brasil, atuam gravando não apenas sons, mas ecologias inteiras de significados, desde feiras livres até protestos nas ruas. A pesquisadora brasileira Martins (2021, p. 45-62) critica o que denomina de "ciclo de vampirização sonora" operado pelas plataformas digitais, especialmente em relação aos sons oriundos das periferias. Inicialmente, ocorre a apropriação, como observado com o funk carioca transformado em trilha para desafios globais, seguido pelo descarte, quando o algoritmo se atualiza e ignora aquela sonoridade.

Este processo extrai valor cultural sem oferecer reconhecimento ou sustentabilidade simbólica. Na América Latina, onde a oralidade e a escuta sempre serviram como formas centrais de resistência, desde rádios comunitárias até manifestações musicais em protesto, essa dinâmica de captura e descarte adquire contornos ainda mais intensos. Conforme argumenta o comunicador colombiano Rincón (2020, p. 77-84), os sons nascem comunitários, mas se tornam produtos ao atravessarem a fronteira algorítmica das plataformas globais. A transformação de expressões culturais em conteúdo viral frequentemente resulta na perda de seus vínculos políticos e comunitários. O fenômeno dos sons virais exemplifica essa lógica. O popular "UHUUU"



brasileiro, por exemplo, originalmente um grito de celebração nas periferias, foi despojado de seu contexto e significado ao ser convertido em meme global. Sodré (2002, p. 134-140) nos relembra que, nas culturas tradicionais, a comunicação está enraizada no corpo e no som, elementos que perdem densidade e potência quando digitalizados e mercantilizados.

Frente a esse cenário, este trabalho propõe uma escuta crítica. Embora as plataformas realizem uma apropriação massiva da sensorialidade sonora, como observa Varela (2019, p. 89-117), surgem brechas nesse sistema, por meio da arte sonora experimental, dos podcasts comunitários ou das rádios web independentes, que resistem à lógica do viral e propõem formas alternativas de escuta e produção de sentido. Inspirando-se na pedagogia libertadora de Freire (1987, p. 86-91), argumenta-se que os sons longe de serem apenas matéria prima para o capitalismo de plataforma, possuem um potencial pedagógico e transformador. Reconhecer esse potencial é uma forma de resistência: uma pedagogia da escuta que resgata a densidade afetiva e política das paisagens sonoras contemporâneas.

Referências

- CANCLINI, N. G. **A Sociedade sem Relato**. São Paulo: Editora UFMG, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MARTINS, R. **Sons Periféricos na Era Algorítmica**. São Paulo: 2021.
- RINCÓN, O. **Narrativas Mediáticas**. Bogotá: 2020.
- SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VARELA, M. **La Escucha Opaca**. Buenos Aires: 2019.
- SRNICEK, N. **Capitalismo de Plataforma**. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.



**Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)
